

Através de um pensamento implicative, Gilberto Freyre integra razão e Imaginação, procurando compreender a realidade através da chamada "razão sensível". Propõe uma compreensão poético-científica, na qual alla os recursos das ciências sociais – antropologia, sociologia, história –, com todo o rigor que elas requerem, e os da literatura que lhe permite o uso e abuso das Imagens e das metáforas.

João de Deus vai em busca da dimensão simbólica da obra de Gilberto Freyre usando esta "razão sensível". Para isso, vale-se de dois estelos teóricos: a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand e a Fenomenologia da Imagem Poética de Gaston Bachelard.

Considerando a narrativa deste autor como um mito das origens ou mesmo um mito de retorno, o autor mostra como, no fundo, o retorno às origens é a busca da sua identidade, da brasilidade, entendida como modo característico e específico de ser de um povo; é a tentativa de se compreender, pois compreender é compreender-se no texto.

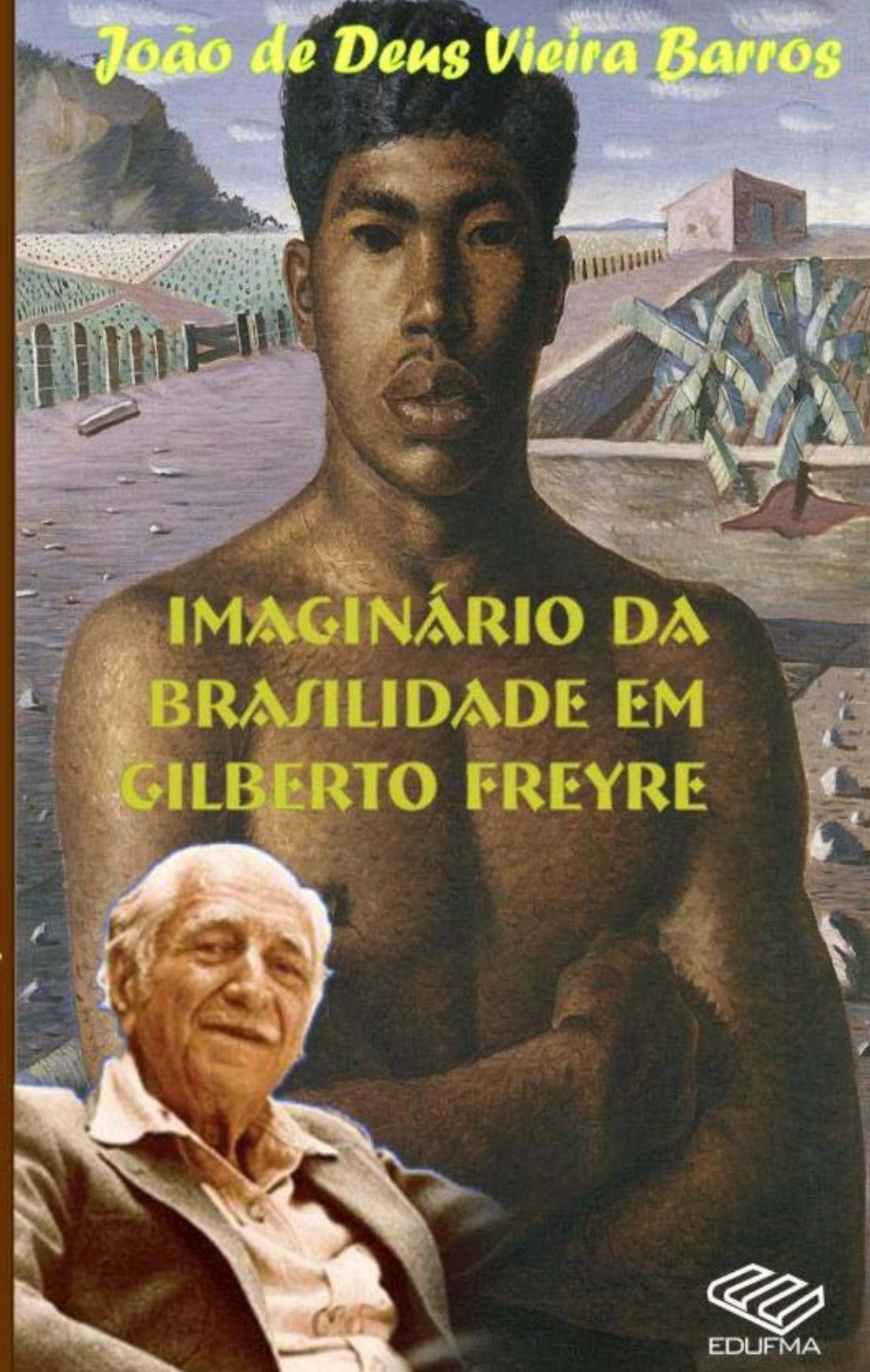
O que fica evidenciado pela análise de João de Deus é que Gilberto Freyre tem um Imaginário dramático, que estrutura a sua lógica de conciliação de contrários, da qual decorre tanto a sua metodologia híbrida, como a sua concepção de uma sociedade também híbrida, caracterizada pela miscigenação de culturas. Essa é a base do seu talento para aproximar visões diferentes e antagônicas, de resto já identificado por outros estudiosos de sua obra.

Empregando uma lógica de conciliação de contrários, João de Deus desvela neste livro as raízes míticas e imaginárias do pensamento gilbertiano.

João de Deus Vieira Barros

Imaginário da brasilidade
em Gilberto Freyre

IMAGINÁRIO DA BRASILIDADE EM GILBERTO FREYRE



APOIO:



I SBN 978-85-7862-061-5

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

João de Deus Vieira Barros

**IMAGINÁRIO DA BRASILIDADE
EM GILBERTO FREYRE**

São Luis/MA
EDUFMA
2009

FICHA DE CATALOGAÇÃO

BARROS, João de Deus Vieira. *Imaginário da brasilidade em Gilberto Freyre*. 2 ed. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 206p.

ISBN 978-85-7862-061-5

CDD 306.43
37.015.2

Capa: Imagem de Gilberto Freyre sobreposta a Pintura a óleo/tela *Mestiço* (1934), 81 x 65.5 cm, de Candido Portinari. Reprodução autorizada por João Candido Portinari. Imagem do acervo do Projeto Portinari.

Tiragem: 300 exemplares

Adaptação da Tese de Doutorado
Regimes de imagens em Casa-Grande & Senzala: um estudo do imaginário em Gilberto Freyre
defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo - USP,
sob orientação da professora Dr. Maria Cecília Sanchez Teixeira

Projeto gráfico: Jeferson Francisco Selbach
Edição desenvolvida através do projeto e-ufma
Visite www.eufma.ufma.br e saiba mais das nossas propostas de inclusão digital

Recursos para versão impressa obtidos pelo Programa de Pós-Graduação em Cultura - PGCult e Núcleo de Educação de Jovens e Adultos - NEJA

Universidade Federal do Maranhão
Reitor Natalino Salgado Filho
Diretor da Imprensa Universitária: Ezequiel Antonio Silva Filho

Este livro foi autorizado para domínio público e está disponível para download nos portais do MEC [www.dominiopublico.gov.br] e do Google Pesquisa de Livro

De acordo com a Lei n.10.994, de 14/12/2004, foi feito depósito legal na Biblioteca Nacional

Dedico este livro à minha mãe, Dona Josefa, e às memórias de Tia Mercedes e Dona Marcelina, mulheres que, na minha infância, teceram parte de meu destino.

Agradeço ao escritor e professor Manoel Cardoso e à professora Maria Cecília, guardiães do início e do término dessa caminhada.

E a Deus, por sempre estar entre nós.

É tão raro o homem de uma só época como
raro é hoje o homem de uma só cultura ou
de uma só raça, ou como parece vir sendo,
o indivíduo de um só sexo.

Gilberto Freyre

SUMÁRIO

NOTA Á EDIÇÃO	9
PREFÁCIO	11
INTRODUÇÃO	17
UMA QUESTÃO DE PARADIGMA E MÉTODO	27
UMA CARACTERIZAÇÃO DAS "FACES DO TEMPO"	53
OS REGIMES DE IMAGENS DE DURAND E AS "FRONTEIRAS MÓVEIS" DO IMAGINÁRIO	97
A CASA IMAGINÁRIA DE BACHELARD E A METÁFORA DA BRASILIDADE	145
CONCLUSÕES	181
BIBLIOGRAFIA	203

NOTA À EDIÇÃO

É com grande alegria que trazemos ao público a segunda edição do livro *Imaginário da brasilidade* em Gilberto Freyre, oriundo de nossa tese de doutorado, defendida em 1996, na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Foram excluídas incorreções existentes na primeira, publicada oito anos atrás. Também foi acrescentado o belíssimo prefácio, escrito à época pela professora Maria Cecília Sanchez Teixeira, e que deixou de constar na primeira edição.

No entanto, a grande novidade é a capa com o quadro *Mestiço*, de Cândido Portinari, de 1934, realizado exatamente um ano após a publicação de *Casa-Grande & Senzala*, em 1933. Queremos agradecer à família do pintor por ter permitido a reprodução da obra na capa desta edição, o que sem dúvida amplia o conteúdo do livro, pelo caráter sócio-antropológico da tela.

João de Deus Vieira Barros

PREFÁCIO

Este livro de João de Deus Vieira Barros é resultado não apenas de sua tese de doutorado, da qual leva o nome, mas também de estudos que realizou no mestrado, igualmente sobre o imaginário de Gilberto Freyre. Portanto, foram quase 10 anos de estudos sobre a mesma temática. E, imediatamente nos surge a pergunta: por que um pesquisador dedica tanto tempo da sua vida a um mesmo tema?

Não seria, para o autor, a tentativa de compreender o imaginário de Gilberto Freyre um mero pretexto para a compreensão do seu próprio imaginário? Estou certa que sim, pois como diz Leroi-Gourhan¹: *Quando procuramos o homem, procuramos a nós mesmos. Toda teoria é um pouco um auto-retrato.* Ou seja, quando pesquisamos estamos sempre em busca de nós mesmos. Os nossos temas obsessivos nos incitam a buscar respostas às nossas próprias dúvidas e inquietações; primeiro eles nos seduzem para depois nos conduzir a um conhecimento mais profundo sobre nós mesmos. Penso que não escolhemos os temas de nossas pesquisas, somos escolhidos por eles. E quando esgotamos um tema, talvez tenhamos apreendido um pouquinho mais sobre nós mesmos.

¹ Citado por MEUNIER, Jacques. *Civilizações, entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Ática, 1989.

Suspeito que a identificação de João de Deus, poeta, artista e educador, com Gilberto Freyre tenha se dado exatamente por partilhar com este autor a mesma lógica que permite conciliar arte e ciência. Nosso autor acredita que Freyre, em Casa Grande & Senzala, objeto de seu estudo, parece querer levar às últimas conseqüências a comunicação entre arte e ciência, poesia e mito, drama e relações sociais. Por isso, considera-o um *artista da palavra*.

Através de um pensamento implicativo, Gilberto Freyre integra razão e imaginação, procurando compreender a realidade através do que Michel Maffesoli chama de "*razão sensível*". Propõe uma compreensão poético-científica, na qual alia os recursos das ciências sociais – antropologia, sociologia, história –, com todo o rigor que elas requerem, e os da literatura que lhe permite o uso e abuso das imagens e das metáforas.

Usando ele próprio uma "*razão sensível*", João de Deus vai em busca da dimensão simbólica da obra de Gilberto Freyre. Para isso, se vale de dois esteios teóricos: a Antropologia do Imaginário de Gilbert Durand e a Fenomenologia da Imagem Poética de Gaston Bachelard. Tal como propõe este autor², João de Deus procura *...encontrar por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam, ir à própria raiz da força imaginante*.

Mas, por que estudar o imaginário de um autor? Em que medida tal estudo contribuirá para ampliar a nossa visão de mundo? No meu entender, estudar as matrizes míticas e imaginárias de um autor, de uma obra, nos permite compreender melhor uma época, pois o imaginário individual se inscreve e se apoia no imaginário coletivo que o alimenta e que, por sua vez, é renovado pelas obras individuais. Ou seja, o imaginário de cada indivíduo está enraizado tanto em sua biohistória como no contexto sociocultural no qual vive. Por isso, um texto é sempre o cruzamento da biografia pessoal com a história sociocultural.

Desta forma, conhecer o imaginário de Gilberto Freyre nos permite compreender melhor tanto a sua história como a de seu tempo. E, no caso de Casa Grande & Senzala, em especial, pode nos

levar ainda mais longe, pois através do imaginário de Freyre podemos redescobrir uma outra dimensão da vida familiar brasileira no regime patriarcal.

Numa perspectiva hermenêutica, João de Deus vai desvelando ao leitor o imaginário gilbertiano, ainda pouco explorado, apesar do grande número de trabalhos já escritos sobre Gilberto Freyre. Para isso, utiliza o que chama de *método antropológico*, pois procura captar as dimensões antropológica e poética da obra. Empreende, então, uma "*análise compreensiva*" de Casa Grande & Senzala, para a qual concorre *certo espírito de aventura e descoberta, onde entrou alguma intuição pessoal*.

O seu trabalho é facilitado porque, em Freyre, as imagens são carregadas de semantismos, que se revelam no seu estilo literário e no clima narrativo que parece recriar a época. Por ser predominantemente narrativo, nosso autor entende que o livro pode ser considerado um painel de longa duração.

No "*cruzamento de olhares*" com o texto, o autor vai identificando, com muita sensibilidade, as imagens que brotam profusamente da obra, algumas vezes escondidas nos trajes, nos hábitos, nos jogos, nas brincadeiras, ou seja, no cotidiano, brilhantemente retratado por Freyre. Trazer para a sociologia e para a antropologia os fatos miúdos do cotidiano, um mundo miniaturizado no qual se manifesta o imaginário, foi a grande inovação de Freyre. Nesse cotidiano gilbertiano, não é possível separar história e lenda, ficção e realidade; entrelaçadas elas constroem o mundo social descrito por ele.

Mas, afinal, o que o João de Deus encontra nessa sua viagem pelo imaginário de Gilberto Freyre?

Considerando a narrativa deste autor como um mito das origens ou mesmo um mito de retorno, João de Deus mostra como, no fundo, o retorno às origens é a busca da sua identidade, da brasilidade, entendida como modo característico e específico de ser de um povo; é a tentativa de se compreender, pois como diz Ricoeur, aqui numa livre transcrição, compreender é compreender-se no texto. E desconfio que também esta é a busca de nosso autor.

² BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos, ensaio sobre a imaginação da matéria*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

Valendo-se dos regimes e das estruturas antropológicas do imaginário de Gilbert Durand, João de Deus, primeiramente, nos revela em Freyre um imaginário de angústia, no qual o monstro devorante ora é a natureza inclemente e exuberante, contra a qual o colono tem que lutar para aqui se instalar, ora a sífilis que acaba por se aninhar no interior mesmo da casa grande e da senzala, devorando por dentro padrões e escravos. A degradação das culturas indígena e negra e a exploração sexual, doméstica e do trabalho dos escravos podem ser consideradas, também, como uma devoração simbólica. João de Deus identifica em suas imagens uma amostra do lado degenerativo e dissolvente, destruidor mesmo, do contato cultural que se faz naquele período. Assim, ao contrário de muitos dos intérpretes de Freyre, que o acusam de passar uma visão “cor-de-rosa” da escravidão, nosso autor mostra que, para ele, a escravidão é nefasta e degenerativa para todos, inclusive para o colonizador, que se acomoda e se transformando em parasita.

Contra essa angústia, despertada pelas faces do tempo, Freyre vai buscar abrigo e proteção no aconchego da casa que, pouco a pouco, se transforma na sua “metáfora obsessiva”. A casa gilbertiana simboliza, então, a própria busca da brasilidade, pois tanto se situa num espaço geográfico tropical, como no espaço onírico do autor, na sua *morada dos sonhos*, por isso, não é simplesmente a casa em sentido estrito, abrange desde a casa cósmica até o ventre materno. Trata-se de uma casa que agrega em si todo o sentido universal da casa e a especificidade da casa brasileira. É o que o próprio Freyre chama de *transcasa*. Para este autor, a casa é o espaço para o qual confluem o individual e o coletivo, razão pela qual entende que o seu estudo conduz a um conhecimento mais profundo do homem brasileiro.

Percorrendo o fio da narrativa, João de Deus mostra como o imaginário gilbertiano vai deslizando, pouco a pouco, de imagens diurnas, de luta e heróis, para imagens noturnas, com forte tendência mística, reveladoras do desejo de intimidade e repouso na terra, na casa, no ventre, na rede, esta última já anunciando uma estrutura dramática, na qual o autor harmoniza a estrutura heróica e a mística, procurando, assim, dominar o tempo que passa, pois não é outra a função do imaginário.

O que fica evidenciado pela análise de João de Deus é que Gilberto Freyre tem um imaginário dramático, que estrutura a sua lógica de conciliação de contrários, da qual decorre tanto a sua metodologia híbrida, como a sua concepção de uma sociedade também híbrida, caracterizada pela miscigenação de culturas. Essa é a base do seu talento para aproximar visões diferentes e antagônicas, de resto já identificado por outros estudiosos de sua obra

Em suma, o que João de Deus desvela neste livro, ele também empregando uma lógica de conciliação de contrários, são as raízes míticas e imaginárias do pensamento gilbertiano.

Mas é chegada a hora de o leitor iniciar a leitura e tirar as suas próprias conclusões.

Maria Cecília Sanchez Teixeira

Professora colaboradora do
Programa de Pós-Graduação em Educação
da Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

O fato de Gilberto Freyre situar-se num caminho intermediário entre a ciência e a arte é que o torna polêmico e instigante até hoje.

O livro *Casa-Grande & Senzala* sempre despertou grande curiosidade e somente depois desse estudo sistemático, agora apresentado como livro, é que consegui situá-lo, com propriedade, dentre aquelas obras de ciência, dado seu caráter sociológico e antropológico principalmente – mas que resvala para o romance e mesmo a poesia. No Brasil, talvez *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, compare-se em ambigüidade e riqueza de expressão ao livro primeiro de Gilberto Freyre, na medida em que inúmeras passagens daquele livro são verdadeiros poemas em prosa.

Dessa forma é que o presente estudo sobre “o mestre de Apipucos” teve que ser realizado de uma abordagem simultaneamente científica e poética¹, a partir de teóricos como Gilberto Durand e suas “estruturas antropológicas do imaginário” e Gaston Bachelard e suas “poéticas”.

Valemo-nos também das próprias lentes interpretativas de Gilberto Freyre, como se vê no livro *Oh de casa!*, em que o autor realiza uma ampla análise do complexo “casa brasileira”, inclusive percebendo-se aproximações teóricas com os autores anteriormente citados.

¹ Adiante especifico melhor as razões desse procedimento.

Convém antecipar que o termo brasilidade aqui utilizado, o foi como uma idéia de caráter ou personalidade de um povo, fato que o aproxima muito de *ethos*. Ou seja, brasilidade é um modo característico e mesmo específico de ser do povo brasileiro, resultado de sua história e da forte miscigenação social e cultural ocorridas.

Esclareço, também que trabalhar com Durand e Bachelard justifica-se, na medida em que o primeiro autor possui uma visão predominantemente científica, mais precisamente antropológica e o segundo outra mais poética, embora calcada em bases científicas. Nesse sentido, ambos parecem completar-se nos dois eixos bachelardianos – o da ciência e o da poesia.

O trabalho que empreendi só foi possível porque utilizei uma outra visão paradigmática, com um conceito transdisciplinar de ciência e um certo espírito de aventura e de descoberta, onde entrou alguma intuição pessoal. Situei-me, assim, dentro de um paradigma holonômico ou emergente, como explico, ainda que sucintamente adiante.

Foram levadas em consideração as próprias lentes interpretativas de Gilberto Freyre, conforme mencionei antes, por ser um dos maiores intérpretes dele próprio, em trabalhos de autohermenêutica, normalmente desprezados em estudos como estes. O livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968b) é básico e o mais adequado para esse aspecto do trabalho, na medida em que fornece vários conceitos necessários para a compreensão de sua obra. Tais pressupostos são utilizados, muitas vezes, de forma implícita, na medida em que Freyre também previa a possibilidade de o saber científico e o poético se completarem, sobretudo no livro acima, conforme já tratei (Barros, 1991, p.152).

Assim, o principal objetivo do presente estudo é levantar ou apreender as imagens simbólicas ou o imaginário, em busca de uma concepção de brasilidade em *Casa-Grande & Senzala*, por extensão. Para tanto, procedi a uma análise compreensiva dessa obra, que mesmo sendo de 1933, continua suscitando inúmeras indagações.

Trata-se de uma “análise compreensiva”, na medida em que não concebe o texto como uma estrutura fixa, mas como um “cruzamento de olhares” dele com o leitor (Durand, 1982, p.66), que específico mais adiante. Para esta análise, estudei as imagens simbólicas do texto a partir dos “Regimes de Imagens” levantados por G. Durand, no livro “As estruturas antropológicas do imaginário”. Verifiquei, tam-

bém, como Gilberto Freyre trabalha a imagem da casa e suas metáforas, o que, não sendo o principal objetivo da pesquisa, constitui-se em um de seus aspectos importantes. Pois, se num momento a casa é o engenho, noutra ela é o trópico, e noutra, ainda, pode ser o próprio corpo.

Alguns pressupostos básicos encaminham este trabalho:

Através das imagens, podemos captar de forma mais precisa o pensamento de Gilberto Freyre – transdisciplinar e revestido de ciência e arte (poética). Essa foi uma das mais importantes conclusões da dissertação de mestrado e que motivou o seu aprofundamento no presente estudo.

O imaginário organiza recursivamente² o real social ou a poética gilbertiana constrói o seu mundo social. A partir das imagens, é possível levantar esse mundo gilbertiano, sendo a casa importante nesse levantamento, por aglutinar em torno de si diversas outras imagens.

Mesmo não sendo objetivo do trabalho a realização de uma mitocrítica ou mitanálise, conforme são entendidas por Durand (1982, 1983, 1989), o levantamento dos regimes de imagens trará como consequência alguns de seus elementos, uma vez que *Casa-Grande & Senzala* é um livro predominantemente narrativo, que pode ser considerado como painel de um período de longa duração. Desta forma, convém transcrever as palavras de Durand (1982, p. 65-66) acerca do que seja mitocrítica e mitanálise:

a mitocrítica é justamente uma crítica do tipo crítica literária, como se diz, crítica de um texto, crítica que tenta pôr a descoberta por detrás do texto, quer seja um texto literário (poema, romance, peça de teatro, etc.) ou mesmo o estilo de todo o conjunto de uma época – **mas em rigor, texto jornalístico** – que tenta pôr a descoberto um núcleo mítico, uma narrativa fundamentadora.³

² “Morin entende como recursivo todo o processo no qual uma organização ativa produz elementos e efeitos necessários a sua própria geração ou existência, processo que realiza um circuito em que o produto ou efeito último torna-se elemento primeiro ou causa primeira. (...). A recursividade compreende simultaneamente a complementaridade, a concorrência e o antagonismo.” (Porto, 1996, p. 65).

³ Gilberto Freyre também possui um estilo próximo ao jornalístico, na medida em que traça um perfil de um período da história do Brasil, como se estivesse narrando os acontecimentos, ou seja, como se fosse um repórter.

Enfim, para o autor:

uma mitocrítica é o pôr em relevo na obra, um mito inocente, querendo dizer com isso um mito que não esteja obrigatoriamente embarcado no pan-sexualismo de Freud ou numa interpretação demasiada estreita, um mito em liberdade, um mito que atua por detrás da narrativa. (Durand, 1982, p. 73).

Ou seja, qual é esse mito⁴ presente em *Casa-Grande & Senzala*, escondido por trás da narrativa, saga ou epopéia, conforme é considerado o livro? Quais suas unidade significativas? Em que medida é possível fazer-se esse levantamento? São outros pontos para reflexão, a que volto nas conclusões deste trabalho.

Para Durand (1983, p. 87), a mitanálise nada mais é que uma mitocrítica, mas dessa vez em um campo mais largo e mais aleatório, ou seja, o campo do aparelho ou instituições, ou das práticas sociais. O campo da Sociologia, enfim. Ou seja, a mitanálise:

consiste em examinar sobre documentos e monumentos exprimindo uma sociedade e abrangendo uma largo período (...) A mitanálise consiste, portanto em examinar ou determinar num segmento de duração social os grandes esquemas **míticos**, os **mitologemas** (...) a partir dos índices mitêmicos que podem passar por mitemas – quer seja um estilo de pintura, quer seja uma atitude social, quer seja uma atitude de estar à mesa. (Durand, 1983, p. 7) (grifos meus).

Para o autor, finalmente, uma mitanálise permite mostrar as camadas míticas que se imbricam e a anatomia da sociedade, podendo-se dissecar um momento social num grupo e iluminar seus componentes (Durand, 1983, p.104). Essas camadas míticas suscitam aquilo que Durand (1983, p. 32) denomina de mitologema, que é: “o resumo, de certo modo, de uma situação mitológica, um resumo abstrato (...) quando mais amplo é o campo, mais o mitema se empobrece em mitologema (...) mais os mitemas são pobres.”

No caso dos românticos, ele nos lembra que: “É o mitologema da culpa, ou da queda, da descida a infernos diversos e da subida posterior para uma redenção” (Durand, 1983, p.72)

Enunciados esses primeiros pressupostos, passo a tecer algumas considerações sobre o autor e a obra estudados, bem como sobre o trabalho de mestrados já referido inicialmente.

Conforme procurei ressaltar em minha dissertação de mestrado (Barros, 1991, p. 10-87), Gilberto Freyre vem sendo interpretado das mais diversas formas, inclusive contraditoriamente. Portanto, ele é um daqueles autores que sempre provocarão discussões e polêmicas, como atestam as inúmeras publicações sobre sua obra, desde que surgiu *Casa-Grande & Senzala*, em 1933. Naquela ocasião, um dos objetivos do meu estudo foi mostrar a dificuldade que ocorre ao analista quando pesquisa a obra gilbertiana, em virtude da multiplicidade de interpretações e significados que ela possa ter.

O presente trabalho tanto pretende retomar as principais lições do anterior, aprofundando-as na medida do possível, quando objetiva lançar uma nova ótica sobre *Casa-Grande & Senzala*. Ou seja, busca revelar a configuração que o imaginário, em especial o da brasilidade, adquire nesse livro pioneiro do autor.

Em meu trabalho de mestrado, dediquei um item específico ao antagonismo em Gilberto Freyre (Barros, 1991, p.153-157), concluindo que esse antagonismo tanto faz parte de seu pensamento (idéias) quanto de seu método analítico ambíguo, ou seja, de seu estilo. Daí uma espécie de fixação de Freyre por aquilo a que ele denomina “equilíbrio de antagonismo”. Esse antagonismo gilbertiano vem do início de sua formação. Seu próprio método híbrido – meta-método ou pluri-método – advém desde pormenor. Concluí, ali, que o antagonismo é tema e estilo no autor.

Refiro-me ao fato de sua formação múltipla, pois, nos Estados Unidos, de 1918 a 1923, Freyre realizou estudos de Economia, Direito, Geologia, Antropologia, Biologia, dentre outros, como se vê em seu diário (Freyre, 1975) ou em algumas biografias (Menezes, 1944; Chacon, 1993).

Algumas publicações, nos últimos anos, vêm destacando a formação intelectual do autor (Vilanova, 1994). O próprio Freyre (1968b, p. 118) ressalta seu plurimétodo, dizendo-nos:

Dentre o que possa ser destacado como novo ou inovador no livro ‘Casa-Grande & Senzala’ talvez nenhum traço se apresente mais significativo do que (...) o seu múltiplo e por vezes simultâneo perspectivismo.

⁴ O capítulo I mostra como Durand (1989, p. 44) chega a um conceito de mito, ou seja, “um sistema dinâmico de símbolos, de arquétipos e de esquemas”.

Araújo (1994, p. 24) realiza um trabalho, no qual leva em consideração a questão desse “equilíbrio de antagonismo” e observa o: “(...) talento de Gilberto Freyre em aproximar visões diferentes, antagônicas até, sem dissolvê-las ou mesmo reduzir consideravelmente a sua especificidade.”

No entanto, naquele trabalho, o autor lida com “os mais importantes argumentos substantivos de *Casa-Grande & Senzala*” (Araújo, 1994, p. 24), ou seja, com “teses de conteúdo histórico-sociológico” (Araújo, 1994, p. 24), concluindo que:

a opção de Gilberto Freyre vai lhe permitir transferir para o interior de seu texto, para sua própria forma de escrever parte da ambigüidade, do excesso e da instabilidade que, segundo ele próprio, caracterizavam a sociabilidade da Casa-Grande. (Araújo, 1994, p. 208)

O que nos revela um trabalho calcado na face mais patente da obra de Freyre, mas que se refletirá no seu lado mais latente, ou do imaginário, conforme se verifica neste livro.

Tendo em vista a questão do equilíbrio no autor, como venho destacando desde a outra pesquisa, a contradição, ao invés de confundir, parece ser o ponto de partida para a compreensão de sua obra; nela podemos localizá-lo, ou seja, as contradições são seu esconderijo (Barros, 1991, p.302), no sentido de que é nesse esconderijo que podemos encontrá-lo e, assim, revelá-lo. Desta forma, o que parece bastante característico no livro é o fato de “ser e não ser”, o que o coloca imediatamente numa lógica da inclusão, uma das características do paradigma holonômico ou emergente, já citado. Em tal lógica, por exemplo, pares antagônicos não se excluem ou se eliminam e podem mesmo complementar-se. Ou seja, *Casa-Grande & Senzala* é e não é um romance; é e não é literatura, como se o antagonismo a que se refere Gilberto Freyre invadisse seu próprio fazer artístico-científico.

A maioria de seus intérpretes vem analisando apenas a camada mais objetiva de sua obra; o trabalho atual pretende mostrar uma outra mais profunda de seu livro primeiro. O que parece nos “olhar”, do texto em estudo, é seu pedido de desvendamento, como se nos impusesse um desafio de esfinje – “Decifra-me ou te devoro” – sendo o autor uma espécie de Édipo: investigador que procura as origens do povo brasileiro, ao mesmo tempo em que busca a si mesmo, ao seu próprio passado.

Em texto anterior (Barros,1992c), chamei a atenção para o afã de Freyre em auto-analisar-se, quando observei que ele teria extrapolado o conceito de Literatura enquanto arte e enquanto objeto de estudo, galgando um degrau além na crítica ao cientificismo. O próprio autor acabou fazendo-se investigador e investigado, caça e caçador, um Édipo da investigação científica.

Aquele “olhar” do texto para o leitor está relacionado a um conceito específico de literatura e tem a ver com a questão de que “a literatura não é inocente” (Durand, 1982, p. 66), ou mais precisamente:

essa literatura contém sempre, assimilado, no centro de si, um ser (...) prenhe ou seja, um fundamento que interessa (...) Ora bem, um texto **olha-nos**, quer dizer, é mais que um interesse, é um cruzamento de olhares (...) um texto olha-nos e é o que num texto nos olha que é o seu núcleo. E esse núcleo (...) pertence ao domínio do mítico. (grifo meu)

A questão desse “cruzamento de olhares” entre Gilberto Freyre e sua própria obra não deixa de revelar o caráter narcisista do autor, aspecto assumido por ele próprio e por seus intérpretes. E isto, também, não pertence ao domínio do mítico? Seria sua obra uma espécie de espelho, no qual o autor se veria o tempo todo?

O próprio fato de falar por imagens simbólicas torna seu texto ambíguo: literário e científico. Em várias passagens de minha dissertação de mestrado tratei dessa questão. Naquele trabalho, quis mostrar que se torna necessária uma nova concepção de leitura para a obra gilbertiana, que considere, sobretudo, seu estilo artístico-científico (Barros, 1991, p. 1).

Refleti, também, sobre esse aspecto em outro momento (Barros, 1992c, p. 97), quando concluí que o autor parece querer levar às últimas conseqüências a comunicação entre arte e ciência, poesia e mito, drama e relação social: o mito como ponto de chegada, nessa busca incessante, quase obsessiva, da transdisciplinaridade. Daí o caráter narrativo de sua obra, a semelhança ao romance, ao mito enfim.

Dediquei, ainda, um item específico ao escritor Gilberto Freyre (Barros, 1991, p.149-52), no qual se observa, em suas próprias palavras e nas de seus intérpretes, sua condição de artista-cientista.

No presente trabalho, procuro mostrar como, no livro *Casa-Grande & Senzala*, “a literatura não é inocente”, preferindo chamar de *antropoético* ao método analítico que utilizo, na medida em que tanto capta o lado antropológico (via Durand) quanto o poético (via Bachelard).

Pelo fato de ser uma obra mista, não é recomendável uma leitura somente objetiva, como se *Casa-Grande & Senzala* fosse apenas um tratado de sociologia ou antropologia. É uma grande obra simbólica, não apenas por representar um marco na história intelectual do Brasil, mas por estar carregada de símbolos, passíveis de desvendamentos, inclusive de mitemas, que são, segundo Durand (1982, p. 75), temas recorrentes, ou seja, unidades significativas que se repetem. Para este autor:

É preciso encontrar unidades, mitemas, na narrativa diacrônica, (...) que se desenrola no próprio tempo da obra (...) A indicação, o indicador do mito (...) é a sua redundância e a determinação do mitema vem do que se repete.

É importante lembrar que, para Durand (1982, p.72), é o conjunto de **mitemas** que pode revelar o **mitologema**, ou um mito geral no livro. Esse mitologema está associado a imagens obsessivas, que levam a um esquema bastante geral dentro da obra. Esse mitemas são também

núcleos, núcleos duros, (...) núcleos redundantes que voltem, mas que regem em diferentes pontos, mas regressem, constantemente, e que são quer conjuntos de situações, quer emblemas, quer cenários, lugares que se repetem. (Durand, 1982, p. 76).

Assim, constatei que a casa é um desses mitemas, mas uma casa imaginária, onírica ou cósmica, que simboliza, de algum modo todo o imaginário gilbertiano.

A “análise compreensiva”, já referida, suscita uma “leitura compreensiva” (Durand, 1982), através do levantamento dos “Regimes de Imagens”, pois o estilo de Freyre “está repleto de metáforas, de imagens fortes, impressionantes” (Barros, 1996), que dão conta de uma outra dimensão de leitura da obra. Levantando-se o imaginário, em última instância, apreenderemos a camada mais profunda do pensamento do autor naquele momento, ou seja, a parte mais simbólica, que, portanto, permanece para além da “transitoriedade da ciência”

(Barros, 1991). Tal método ou leitura compreensiva está ligado àquilo que Durand (1982, p. 77) fala, de que “(...) não há texto objetivo (...) um texto é sempre um texto de leitura e uma leitura é sempre uma criação subjetiva de sentido”. Portanto, um “cruzamento de olhares”.

Leitura compreensiva, regimes de imagens, configuração do imaginário e, finalmente, mitocrítica e mitanálise, como conseqüências, passam a ser a forma como trato, metodologicamente, *Casa-Grande & Senzala*, tendo em vista que a linguagem dos mitos também permanece para sempre.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)